

E NÃO VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DOS CONTOS DE FADAS

Ana Paula Cordeiro Santiago (IC), Paula de Almeida Silva (PQ)

PIBIC-EM-EJA
Câmpus Luziânia
paula.almeida@ifg.edu.br

Palavras-Chave: *Contos de fadas; gênero; estereótipos de gênero.*

Introdução

Nesta pesquisa comparamos contos de fadas a suas adaptações da Disney: A Bela e a Fera, Cinderela, A Rainha da Neve e O príncipe Sapo. Como objetivo geral investigamos como os contos de fadas originais e suas releituras representam os estereótipos de gênero e como eles contribuem para que as desigualdades entre homens e mulheres continuem a existir. Os dados nos levaram a perceber que as representações de gênero nas narrativas mobilizam várias categorias que fazem com que a estrutura da desigualdade de gênero permaneça intacta.

Metodologia

Este trabalho assumiu uma análise feminista (HARAWAY, 1995), sendo assim, os dados gerados por essa pesquisa foram analisados de acordo com as perspectivas feministas. Os textos escritos e audiovisuais foram analisados qualitativamente (TAYLOR e BOGDAN, 1985). As categorias analisadas foram amor romântico; raça e classe social; estereótipos de gênero.

Resultados e Discussão

Os filmes, assim como os contos de fadas originais, nos ensinam como ser mulher seguindo estereótipos, contribuindo para que novas gerações de meninas sonhem em se tornar princesas úteis à sociedade e ao patriarcado. Eles não conseguem escapar do amor romântico; do estereótipo de princesa e das representações de raça e classe. As princesas sonham em serem escolhidas (ZANELLO, 2018) e para que o sejam é preciso ser branca, loura, magra e jovem. À mulher negra o amor romântico está interdito (GONZALEZ, 2020), como revela A princesa e o sapo. As histórias mostram que para as mulheres a solidão e a violência sempre estarão presentes na busca pelo amor romântico (ZANELLO, 2018). A princesa e o sapo (2009), Cinderella (2015) e A Bela e a Fera (2017) reproduzem a ideia de que as mulheres podem salvar os homens se forem boas e gentis, um insulto a todos os esforços contra a violência de gênero. Não ganhamos nada se não

formos as guardiãs dos homens, já que a protagonista/princesa quase sempre tem o mesmo perfil: o desejo profundo de serem escolhidas e a busca pela validação masculina, que muitas vezes a coloca como presa fácil de violência psicológica, física, social e patrimonial. As mulheres nas narrativas são alocadas em um lugar de extrema vulnerabilidade e exploração, e com isso são roubadas de nós, mulheres, sonhos, liberdade e humanidade. Os contos de fadas, com exceção de Rainha da Neve, colocam a mulher em um lugar de submissão e de silêncio.

Conclusões

As adaptações dos contos para os filmes esvaziam o conceito de empoderamento feminino; enaltecem o amor romântico; e fixam a raça e classe contribuindo para a desigualdade de gênero. As estruturas de gênero não estão sendo movimentadas: ainda nos apaixonamos por histórias de príncipes encantados e princesas que precisam resgatadas ou que são salvadoras de homens. Precisamos, urgentemente, contar novas histórias e não repaginar o que já mostra o que somos sem criticar o que deveríamos mudar em nossa sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos a todas as mulheres que lutaram por nós e as que seguem lutando, nos inspirando em nossa luta diária pelo reconhecimento de nossa humanidade plena.

GONZALEZ, LÉLIA. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 07-39, 1995.

TAYLOR, Steven; BOGDAN, Robert. *Introduction to qualitative research methods: the search for meanings*. 2 ed. New York: John Wiley and Sons, 1984.

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. *Appris*, 2018.